

A man with dark hair and a serious expression is shown from the chest up. He is wearing a dark, patterned robe with a V-neckline. He is looking down at a laptop screen which is open on his lap. The lighting is dramatic, with strong shadows on his face and the background. The overall mood is somber and contemplative.

Cult
U

Sobre os que perderam

O filme "A Herdade", que se estreia na próxima quinta-feira, é uma aposta num cinema narrativo, com vontade romanesca e a ambição de ser maior do que a vida

TEXTO JORGE LEITÃO RAMOS



N

um país onde fazer cinema é sempre difícil, Tiago Guedes tem, em 2019, um ano estranhamente prolífico, já que aparece com dois filmes prontos a chegar ao público: “A Herdade” que, depois de estar nos festivais de Veneza e de Toronto, tem estreia marcada para a próxima quinta-feira; e o comoventíssimo “Tristeza e Alegria na Vida das Girafas” que, após uma boa recepção, no IndieLisboa, em maio, terá caminho para fazer nas salas daqui a algumas semanas. “A Herdade”, história de uma família de latifundiários com o tempo português por fundo (dos anos 40 aos anos 90), não foi um projeto que Tiago Guedes tenha originado. Quando nos encontramos para falar do filme, adiantou logo que a ideia-base foi do produtor Paulo Branco: “O Paulo desafiou o Rui Cardoso Martins para escrever um argumento, ainda sem mim. Depois, quando o Rui terminou o argumento, o Paulo perguntou-me se eu estaria interessado em fazer

o filme. Eu li o argumento, mas disse-lhe que teria de mudar algumas coisas, para me apoderar do filme. Tentei que o Rui estivesse envolvido na reescrita, mas senti que ele já estava muito saturado do processo, foram dois anos de escrita, e tinha outros compromissos. Chamámos, entretanto, um argumentista francês, o Gilles Taurand. Ele enviou um primeiro *draft* e percebi que não seria a pessoa ideal. Então peguei nos materiais que havia e reescrevi tudo a partir disso, sempre com respeito pelo material de origem. Eu não entrei no projeto para fazer algo de diferente, foi para fazer o filme que estava escrito. Mas tive de mudar muita coisa porque o argumento do Rui passava-se em mais épocas, o que seria um problema para executar com os meios de que dispomos, sobretudo no envelhecimento das personagens. E havia uma outra coisa: eu queria trabalhar muito os silêncios e a contenção, e, se estivermos sempre a saltar de época, não se permite sentir as personagens. Percebi isso cedo. Trabalhei com o Paulo sempre muito presente. Presente, no bom sentido de produtor. Está lá para quando é preciso, não foi minimamente impositivo, deu liberdade total. Quando entrámos na produção eu ainda reescrevia coisas. Foi a primeira vez que estive a filmar e, quando

chegava a casa, ainda ia escrever. O que no filme se passa nos anos 40 e nos anos 70 ficou praticamente trancado antes de filmar, mas os anos 90 não. Foi na própria rodagem dos anos 70 que se poluiu o que estava pensado para os anos 90. A relação do protagonista com o filho pequeno nos anos 70 fez nascer em mim a vontade de mexer muito na relação pai-filho, nas relações e nas heranças familiares.” Para um filme com a dimensão e com a ambição de “A Herdade”, os meios são decisivos. De falta de meios, Tiago Guedes não se queixa: “De rodagem, tive o tempo de que precisava, oito semanas. O outro filme [“Tristeza e Alegria na Vida das Girafas”] foi rodado em três. Mas é sempre duro. De pré-produção tive menos, mas foi por opção nossa, conjunta, decidimos filmar naquela data para termos as condições climatéricas que queríamos, de outro modo teríamos de esperar muito.” A escolha de elenco também foi serena. “A primeira peça de teatro que encenei foi com o Albano Jerónimo, é um ator que conheço bem já há algum tempo. Quando pensei no personagem percebi que o ator que o fizesse tinha de reunir as condições de um galã e, ao mesmo tempo, ter qualidades interpretativas que permitissem a profundidade que o papel pede.

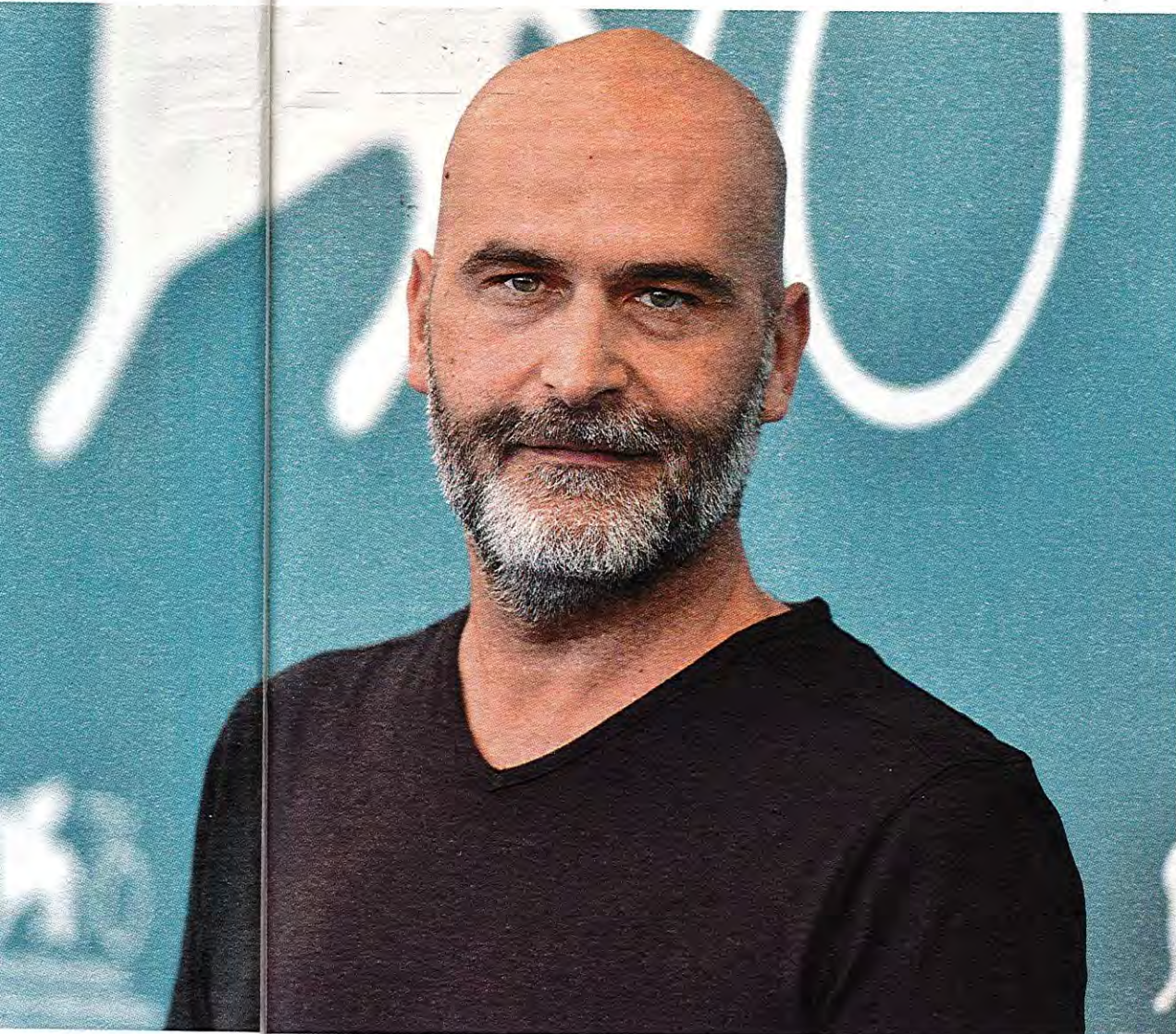




“Nunca quis fazer um filme sobre o que foi o 25 de Abril para aquelas pessoas. Não era essa a intenção. Mas ‘A Herdade’ é um filme sobre os que perderam”

TIAGO GUEDES

Albano Jerónimo (na pág. 65) é, nas palavras do realizador Tiago Guedes (em baixo) um ator que consegue “reunir as condições de um galã e, ao mesmo tempo, ter qualidades interpretativas que permitissem a profundidade que o papel pede”. À esq., a atriz Sandra Faleiro



THEO WARGO/GETTY IMAGES

Naquela faixa etária, não direi que o Albano é único, mas é quase único, tinha de ser. Fiz alguns testes para os outros personagens — não gosto de audições nem de *castings* abertos, gosto de escolher poucos e fazer alguns testes para perceber, com eles, se se adequam. Para o Albano não fiz testes, convidei-o e ele aceitou, nem pensei em mais ninguém.” Do trabalho com os atores, não se revelam métodos, mas fique-se a saber que faz ensaios antes de filmar, às vezes em cima das filmagens, às vezes com algum recuo. “Neste filme, há um plano-sequência de oito minutos que teve um dia inteiro de ensaios durante a rodagem. É a cena do baile, no casamento. É um plano-sequência, acontecem muitas coisas e eu queria que tivesse a energia do plano único, queria que fosse um trajeto em que o personagem do Albano começa grande e acaba destruído. Precisava mesmo de ensaios. Ensaiei um dia e filmei no dia seguinte. Mas como era uma cena de oito minutos, fazer quatro minutos por dia, não é mau.” Sendo um filme sobre uma realidade social bem definida, quem veja o filme percebe que o personagem central é pouco típico da classe dos latifundiários de além-Tejo. Tiago Guedes concorda: “Foi isso que me atraiu no personagem, ser uma espécie de príncipe meio anarca, não liga à direita nem à esquerda, quer é conduzir a sua vida. A minha relação com esse meio não é muito próxima, sou do Porto, nunca me relacionei com aquele universo. Mas vivi agora oito anos no Alentejo, em Arronches, que, não sendo zona do grande latifúndio, mantém uma mentalidade, uma forma de estar. E os ricos e poderosos acabam por se comportar mais ou menos da mesma forma em traços genéricos.” De todo o modo, ao longo da conversa, percebeu-se que a fidelidade a uma realidade muito concreta nunca lhe interessou. “O que me interessou foram as heranças pessoais, internas, de cada um deles. O que recebem, o peso que carregam, o peso que deixam aos seus, um bocado sem saber como. Sempre me interessou muito a questão da incomunicabilidade entre as pessoas, a forma como nós, querendo fazer uma coisa, fazemos, às vezes, exatamente o oposto, o modo como lidamos com as emoções e os afetos e como, na realidade, nunca conhecemos o outro. Gosto muito de trabalhar nessa zona em que, por mais que estejamos munidos de linguagem e de códigos, nunca

é exatamente aquilo que o outro nos entende.” Essa barreira, essa opacidade, materializa-se em “A Herdade” através de uma narrativa muito desafiante porque em todas as épocas em que o filme decorre os dados já estão lançados, isto é, logo no princípio, há um homem que já morreu, quando chegamos aos anos 70 o protagonista já não gosta daquela mulher, ela já deixou de esperar por ele, a irmã já desistiu; nos anos 90, há um filho que já tombou na toxicod dependência. Ou seja, nunca vemos os processos, nunca vemos a construção da realidade. O cineasta explica que não quis explicar: “São coisas que não quis resolver, que não estão resolvidas — foi intencional. O Rui [Cardoso Martins] tinha as coisas mais bem explicadas, eu quis explicá-las menos. Enquanto espectador ou leitor gosto que não me estejam a dizer tudo. Na literatura temos um espaço grande para viajar, no cinema já estamos a reduzir esse espaço. No filme, a história todos a percebemos. As consequências ou as *nuances*, o que nos leva aqui, porque é que aquela mulher fica com aquele homem todos aqueles anos, não explico. E agrada-me que se fique com a pergunta, mas não se fique com a resposta. Na realidade, se calhar, nem ela sabe. E é isso que é humano. Os fios soltos que o filme tem — e são muitos — são intencionais. E na montagem o Roberto Perpignani ajudou muito. Começámos por fazer um trabalho de montagem ‘correto’ — e depois começámos a descoser fios. Houve cenas inteiras, sequências inteiras que saltaram. O processo de escrita do filme, antes da rodagem e durante a rodagem, só ficou terminado com o Roberto durante a montagem.” Entretanto, um risco, nenhum personagem há que o espectador tome como seu, que queira ser: “O que me agrada bastante, são todos muito humanos, com falhas e fraquezas, têm todos um lado que não conseguimos ver.” Entretanto, para quem esteja à espera, de certa maneira, de um contracampo de “Torre Bela” não pode haver desilusão? A resposta é lapidar: “Nunca quis fazer um filme sobre o que foi o 25 de Abril para aquelas pessoas. Não era essa a intenção. Mas ‘A Herdade’ é um filme sobre os que perderam.” Sai-se da sala escura a pensar que sim, mesmo os que partiram e viram as terras ocupadas, voltaram depois a ter os latifúndios, mas mudou tudo, deveras nunca voltaram a ganhar. ●